

SIMPÓSIO AT165

NARRATIVAS DE MULHER E A CONSTRUÇÃO DA MATERNIDADE NO ROMANCE CONTEMPORÂNEO DE CAROLA SAAVEDRA

SOUZA, Paolla dos Santos
Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro
paollasantoss@gmail.com

Resumo: O presente artigo é uma proposta de leitura sobre os conflitos que a ideia de maternidade impõe sobre a mulher dentro de uma sociedade patriarcal e machista, a partir da análise do romance *Com armas sonolentas*, escrito pela autora Carola Saavedra (2018). A questão do gênero marcante na obra desconstrói a representação da mulher mãe, a qual se revela por uma investigação incessante de afirmação da identidade e sua relação com o outro. Nesse sentido, o trabalho teve sua pesquisa à luz da teoria feminista, segundo Elisabeth Badinter (1985), Simone de Beauvoir (2016) e Orna Donath (2017), a fim de costurar os tecidos (no sentido Barthesiano) entre as ciências sociais e a literatura, para melhor compreensão de uma textualidade contemporânea, elucidando, assim, sobre como esse texto pode ser possível e reflexo sobre o momento presente, ou seja, mais do que a tradução de um determinado tempo, a preocupação também perpassa em analisar como ele se materializa na forma e na linguagem do romance. Por isso, considera-se pertinente perceber os artifícios e as montagens que a autora elegeu para significar a sua obra, sem deixar de mencionar o fato de ser uma literatura escrita por uma mulher, em pleno século XXI, sobre mulheres, afetos, desejos, maternidade e busca pela identidade, cujas narrativas correm paralelas, mas não se isolam, entrelaçam-se.

Palavras-chave: Literatura Contemporânea; Carola Saavedra; Maternidade; Mulheres; Identidade.

Abstract: The present article is a reading proposal about the conflicts that the idea of maternity imposes on the woman within a patriarchal and macho society, from the analysis of the novel "With guns sleepy: a novel of formation" published by the writer Carola Saavedra (2018). The question of the striking gender in the work deconstructs the representation of the mother woman, which is revealed by an incessant investigation of affirmation of the identity and its relation with the other. According to Elisabeth Badinter (1980), Simone de Beauvoir (2016) and Orna Donath (2017), the work has been researched in the light of feminist theory in order to sew the tissues (in the Barthesian sense) between the social sciences and the literature, for a better understanding of a contemporary textuality, thus elucidating how this text may be possible and reflex on the present moment, that is, more than the translation of a certain time, the concern also perpassa in analyzing how it is materialized in the form and language of the novel. Therefore, it is considered pertinent to perceive the artifices

and the montages that the author chose to signify her work, not to mention the fact that it is a literature written by a woman, in the XXI century, about women, affections, desires, maternity and the search for identity, whose narratives run parallel but are not isolated, intertwine.

Keywords: Contemporary Literature; Carola Saavedra; Maternity; Women; Identity.

(...) eu fiz tudo isso que minha mãe e minha avó e minha bisavó e minha tataravó e minha tataratataravó haviam feito, mas nem por isso tornei-me mãe.

(Carola Saavedra)

O livro *Com armas sonolentas*, de Carola Saavedra, publicado em 2018, traz para o público leitor a história de três mulheres: Anna, Maike e uma terceira personagem sem nome próprio, identificada como “A avó”. É nessa ordem que o romance é construído em duas partes (Parte I: O lado de fora e Parte II: O lado de dentro), sempre a seguir o nome dessas três personagens a cada capítulo.

Três gerações de mulheres, uma só árvore genealógica que as separam e as unem. A história delas é permeada por conflitos e deslocamentos externos e internos, os quais possibilitam pensar o feminino como discurso que atravessa, antes de tudo, o corpo de mulher. Seja pela capacidade de poder gerar uma vida nesse corpo, seja pelo estereótipo de gênero que esse corpo promove dentro de uma cultura patriarcal e machista. “As feministas compartilham dessa preocupação sobre a forma como as normas sociais, especialmente as normas patriarcais, afetam os corpos” (MCLAREN, 2016, p.110).

Nesse sentido, Carola Saavedra tece sua narrativa mantendo um diálogo estreito com a perspectiva feminista, uma vez que desconstrói a ideia heteronormativa inscrita nas representações de feminilidade e o ideário de maternidade no decorrer do romance, para colocar em cheque o corpo feminino e suas subjetividades: o tornar-se mulher.

Ninguém nasce mulher: torna-se mulher. Nenhum destino biológico, psíquico, econômico define a forma que a fêmea humana assume no seio da sociedade; é o conjunto da civilização que elabora esse produto intermediário entre o macho e o castrado, que qualificam de feminino. Somente mediação de outrem pode constituir um indivíduo como um *Outro*. Enquanto existe para si, a criança não pode apreender-se como sexualmente diferenciada. Entre rapazes e raparigas, o corpo é, em primeiro lugar, a irradiação de uma subjetividade, o instrumento que efetua a compreensão do mundo: é através dos olhos, das mãos, e não das partes sexuais, que eles apreendem o Universo (BEAUVOIR, 2016, p.11).

O primeiro capítulo, intitulado Anna, dentro da análise crítica proposta neste trabalho, desmantela o paradigma hegemônico da maternidade compulsória, ou seja, desmonta a ideia de que toda mulher é “obrigada” a ter filhos.

Conforme afirma Belotti (1985), os estereótipos de gênero são estabelecidos desde a mais tenra idade, antes mesmo do nascimento. Em sua pesquisa, ela desvela as brincadeiras infantis nos primeiros anos da infância como formas muito bem engendradas de socialização entre meninos e meninas, cujos papéis e condicionamentos são interiorizados pelas crianças, perpetuando, assim, o imaginário social do que é ser homem e do que é ser mulher, devido aos padrões culturais da sociedade.

Meninas são incentivadas a brincarem de boneca, com panelinhas ou adereços de beleza, o que segundo a autora seria uma forma de prepará-las para a futura maternidade e construção da feminilidade ao longo de suas vidas, uma vez que há o estímulo de valorizar a beleza física (corporal). No entanto, sob outra perspectiva, meninos são encorajados a brincarem com jogos de montar ou de ação, os quais exigem inteligência, raciocínio lógico e perspicácia, direcionando-lhes sempre ao espaço público, ao passo que, o privado, o lar é lançado às meninas.

A personagem Anna foi socializada dessa forma, mesmo tentando a todo custo romper com o histórico familiar de opressão contra as mulheres, ela acaba por se tornar submissa ao próprio marido, repetindo em certa medida o padrão que sua mãe (A avó), outrora vivenciara. Descobriu-se grávida com

quatro meses de gestação, atormentada pela ideia de ter um filho, Anna passa rejeitar o fato de que se tornará mãe, contudo, não tem coragem de abortar. Tivesse descoberto antes a gravidez, teria feito o aborto.

Podemos ressaltar, mais uma vez, a potência do corpo presente na obra de Carola Saavedra, como discurso para se pensar o feminino. Mulheres não são educadas para conhecerem o próprio corpo, ainda é um tabu a discussão acerca do ciclo hormonal, do funcionamento do sistema reprodutivo. Muitas jovens mal sabem quando irão ovular. Por esses motivos, quando a autora expõe em sua narrativa personagens marcadas por subjetividades corporificadas, fica evidente sua tentativa de dar voz às mulheres clandestinas na literatura. Clandestinas no sentido de não pertencerem a lugar algum, de estarem ligadas pelo fio da vida que busca a (re) construção da própria identidade e o não exílio de si.

Anna, 21 anos, brasileira, atriz repleta de sonhos. Grávida de Heiner que havia prometido toda uma vida em outro país (Alemanha) sentia o peso da solidão de ter sido enganada, de estar em um país que não era o seu, sem conhecer e falar a língua estrangeira, de parir um ser humano sem reconhecê-lo como seu. Como parte dela.

Anna olhou para o bebê e não viu nada, só um pacote que poderia conter qualquer coisa, uma almofada, um pedaço de pão, olha só como ela é linda, repertia Heiner a cada instante, parece com você, imaginando que suas palavras pudessem causar nela algum encontro, mas ela via apenas uma demanda, como se o bebê soubesse algo sobre ela, como se quisesse roubar algo de indispensável que fazia dela uma pessoa, um bebê que percebia e sabia e exigia. Anna sentiu a respiração acelerada, o corpo coberto de suor. A enfermeira colocou o bebê em seu peito, a boca aberta, feito uma planta que se vira para a luz, parecia um bicho, e não conseguia compreender como aquilo havia saído de dentro dela, como era possível um absurdo desses, que um ser humano saísse de dentro de outro ser humano, quem havia inventado algo tão inverossímil assim? (SAAVEDRA, 2018, p.57-58).

Imersa na sua nova condição de mulher, Anna sentia na pele o trauma, caminhos para interpretação de uma depressão pós-parto, assunto pouco

relatado na literatura, que a escritora consegue articular bem, por meio de uma linguagem direta, crua, metafórica e até mesmo poética.

Uma questão igualmente importante, que emergiu em várias entrevistas, é o fato de que a maternidade pode não apenas redefinir os contornos de um trauma persistente, mas constituir em si mesma uma experiência traumática, pois está gravada em um corpo que pode permanecer em sofrimento (DONATH, 2017, p.123).

Segundo Simone de Beauvoir (2016), não é verdade que a maternidade seja o ideal de todas as mulheres, assim como não é verdade que todas as crianças estejam seguras com suas mães. Partindo do mesmo ponto de entendimento, Elisabeth Badinter (2011) evidencia que:

Na verdade, não existem dois modos de viver a maternidade, mas uma infinidade, o que impede de falar de um instinto baseado no determinismo biológico. Este depende estritamente da história pessoal e cultural de cada mulher. Embora ninguém negue a imbricação entre natureza e cultura, nem a existência dos hormônios da maternagem, a impossibilidade de definir um comportamento materno próprio à espécie humana enfraquece a noção de instinto, e com ela, a de “natureza” feminina (BADINTER, 2011, p.70).

Carola Saavedra, desse modo, anuncia por meio da personagem Anna, pautas muito caras ao movimento feminista contemporâneo, como a maternidade solo, a maternidade compulsória, a não-maternidade, a culpa materna e a solidão da mulher mãe.

Mas ela, ninguém se lembrava dela, ninguém vilha lhe perguntar como ela estava se sentindo. Ninguém lhe perguntava do horror, das noites sem dormir, do bebê que só fazia mamar, até que ela, quase louca, e o bebê ali pendurado, sugando tudo o que pudesse. É só o começo, dizia Heiner, que tinha muitíssimo trabalho com o novo filme, depois melhora, todo mundo dizia, depois tudo vai melhorar (SAAVEDRA, 2018, p.59).

Isso sem mencionar a personagem A avó, mulher não-branca, empregada doméstica, tendo sido afastada da mãe para trabalhar, violentada, abusada pelos patrões, a qual suscita outras discussões fundamentais do feminismo, sobretudo, do feminismo negro que inaugura a interseccionalidade

como conceito e ferramenta metodológica, ou seja, sem excluir categorias como classe, gênero e raça em contextos individuais e coletivos.

Embora, não tenha sido objetivo da autora levantar essas “bandeiras” e, sim, explanar os afetos e desafetos do relacionamento entre mãe, filha, avó e bisavó (a bisavó é um personagem místico na obra, a qual representa toda a ancestralidade da força feminina dessa família e apresenta o recurso da literatura fantástica). Não há como deixar de mencionar a função maior da literatura, a de ler o mundo, perceber o contexto contemporâneo. Assim, talvez não seja inútil se interrogar sobre uma "realidade" que, mesmo mal definida, "informa" – através de uma série de engrenagens – o mundo em que vivemos e nossa existência no interior desse mundo (JOUVE, 2012, p. 10-11).

Conforme os apontamentos levantados, podemos, então, perceber que a autora Carola Saavedra procura imprimir em seu romance de formação a visão de uma correlação cultural e histórica acerca da condição da mulher na sociedade, ou seja, as imagens femininas e as metáforas evocadas em sua obra acabam por se tornar uma linguagem de resistência frente ao discurso hegemônico. Diferente de tudo que estamos acostumados a ver sobre a própria constituição do romance de formação, pois é sob a ótica de uma mulher, a personagem Maike, filha de Anna, neta da Avó. Não por acaso, a literatura desenvolvida por ela, em *Com armas sonolentas*, privilegia as questões relacionadas às mulheres, valendo-se, portanto de uma poética feminista que segundo Vianna (2003) deve ser compreendida como:

Toda discursividade produzida pelo sujeito feminino que, assumidamente ou não, contribua para o desenvolvimento e a manifestação da consciência feminista, consciência esta que é sem dúvida de natureza política (O pessoal é político), já que consigna para as mulheres a possibilidade de construir um conhecimento sobre si mesmas e sobre os outros, conhecimento de sua subjetividade, voltada esta para o compromisso estabelecido com a linguagem em relação ao papel afirmativo do gênero feminino em suas intervenções no mundo público. Consciência com relação aos mecanismos culturais de unificação, de estereotipia e exclusão. E ainda, a consciência sobre a necessidade de participar conjuntamente

com as demais formas de gênero (classe, sexo, raça) dos processos de construção de uma nova ordem que inclua a todos os diferentes, sem exclusões. Poética feminista é poética empenhada, é discurso interessado. É política (VIANNA, 2003, p.2).

O reconhecimento do trabalho literário de Carola Saavedra como significativo e revolucionário pela crítica pode ser facilmente justificado, tendo em vista, o contexto de transformações históricas e sociais da contemporaneidade e a atual urgência e relevância da temática que a escritora aborda. Longe de alcançarmos as largas e abrangentes dimensões da produção literária da escritora, as leituras possíveis apresentadas neste trabalho são apresentações restritas que visam apontar para a desmesurável riqueza desta obra da autora e seu marco para a literatura contemporânea.

E, para finalizar, uma breve citação da pesquisadora Orna Donath sobre o pensamento que norteia todo o livro *Com armas sonolentas*:

Um fato aparentemente simples está na base da história da maternidade: todo ser humano que existe sobre a face da terra nasceu de uma mulher. Todo ser humano de fato nasce de uma mulher, mas nenhuma mulher nasce mãe: que as mulheres carregam os descendentes humanos pode ser um fato, mas isso não obriga as mulheres a se comprometerem com os cuidados, a proteção, a educação e a responsabilidade que essa relação exige (DONATH, 2017, p. 51-52).

Referências

BADINTER, Elisabeth. **Um amor conquistado**: o mito do amor materno. Rio de Janeiro: Nova Fronteira: 1985.

BADINTER, Elisabeth. **O conflito**: a mulher e a mãe. Rio de Janeiro: Record, 2011.

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo**: a experiência vivida. Tradução de Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016.

BELOTTI, Elena Gianini. **Educar para a submissão**: o descondicionamento da mulher. Petrópolis, Vozes, 1985.

DONATH, Orna. **Mães arrependidas**: uma nova visão da maternidade. Tradução de Marina Vargas. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017.

MERUANE, Lina. **Contra os filhos**. Tradução de Paloma Vidal. São Paulo: Todavia, 2018.

SAAVEDRA, Carola. **Com armas sonolentas**. Um romance de formação. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

VIANNA, Lúcia Helena. **Poética feminista, poética da memória**. In: Labrys – estudos feministas. Brasília, n° 4, Agosto/Dezembro. de 2003.